

Joseph Acquisto, *Living Well with Pessimism in 19th Century France*,

Palmgrave, 2021, 304 pp.

Orlando Grossegese

(Universidade do Minho, Braga, Portugal)

É bem conhecida a recomendação que Eça de Queirós deu ao amigo Oliveira Martins relativamente àquele “imenso maço de prosa” que acabava de ser publicado em maio de 1888: “Folheia-os, porque os dois tomos são volumosos de mais para ler”, seguindo-se uma seleção de trechos, “para não andares a procurar através daquele imenso maço de prosa” (Queirós, 1983, I, p. 480). Não sabemos se o historiador se limitou a ler apenas as partes de *Os Maias* indicadas pelo autor na sua carta de 12 de junho de 1888, nem ficamos mais elucidados a este respeito ao ler o que Oliveira Martins escreve. Pois no texto publicado “A propósito de *Os Maias*” não aparecem referências concretas. Apenas diz que este romance oferece “uma caricatura da sociedade portuguesa” (Martins, 1924, p. 73) e contextualiza: “acentuou um sintoma que se denunciara já entre nós com outros livros pessimistas. É o mesmo que sucede ultimamente em França com as obras de Zola, que não são caricaturas, mas sim dissecções” (*ibidem*). Talvez por esta ausência de interpretação mais detalhada, este ensaio publicado em *O Repórter* (29 / 09 / 1888) tenha ficado esquecido. Para tal, também terá contribuído o seu título principal: “O Pessimismo”. Para Oliveira Martins, *Os Maias* pertence aos “livros pessimistas” (*idem*, p. 74). Em vez de comentar elementos concretos do romance, esboça uma abordagem histórica do pessimismo “cujo primeiro apóstolo teve por nome Rousseau” (*idem*, p. 77), chegando a referir, entre muitos outros nomes, na contemporaneidade, o “pessimismo búdico de Schopenhauer e de Hartmann” (*idem*, p. 83). Sem entrar aqui numa análise, “O Pessimismo” pode ser entendido como resposta ao ensaio queirosiano “A Europa”, publicado a 2 de abril de 1888, portanto três meses antes de *Os Maias*.

Estes textos e outros, sobretudo os de Antero de Quental, comprovam que a ‘boa convivência’ com o pessimismo, tal como Joseph Acquisto a define em *Living Well with Pessimism in 19th Century France*, também tem relevância para a vida intelectual portuguesa na segunda metade do século XIX, que

tantos impulsos recebeu da França e através dela em traduções, na sua maioria adaptadas e comentadas. Justifica-se assim a atenção que merece este livro numa revista dedicada a estudos sobre Eça de Queirós e sua geração.

Quando Acquisto fala de “Nineteenth-century pessimism”, refere-se em concreto ao período a partir de 1870, muito posterior à introdução da ‘doutrina’ na França pela mão de Arthur Schopenhauer, a partir de 1819. O argumento central é que o pessimismo não se tornou tão relevante em termos de sistema filosófico mas sobretudo como “form of living” (p. 17). No fundo, Acquisto retoma uma ideia lançada por Georges Pelissier em 1893: “Le pessimisme, en France, n’eut point de maître et ne tint point d’école; il fut un état d’esprit général et spontané. Il ne s’enseigne pas comme une doctrine, il se respire comme un mauvais air” (Pelissier *apud* Acquisto, 2021, p. 77). Contudo, contrariamente a Pelissier e outras vozes finiseculares, Acquisto concebe o pessimismo de forma positiva, cunhando o conceito de “creative destruction” (p. 16). Neste sentido, o pessimismo abre novas formas de ver o mundo que tentam manter-se lúcidas enquanto, ao mesmo tempo, criam uma realidade subjetiva que produz uma resposta viável ao mundo em todo o seu caos e divisão epistemológicos.

A abordagem de Acquisto transcende delimitações, o que, por um lado, possibilita traçar comparações e interligações, mas, por outro, também acarreta riscos. Embora examine historicamente o pessimismo, realça também a sua relevância para o nosso tempo, não só analisando-o, mas também defendendo-o, na sua continuidade transhistórica, por afastar-nos dos perigos opostos de optimismo e niilismo. Retoma esta defesa no capítulo final intitulado “Living Well with Pessimism, Then and Now”. Partindo da relevância da *narrativa* para a mundividência pessimista, conjuga abordagens filosóficas e literárias na convicção de que o pessimismo pode ajudar a criar uma “livable lucidity”, encontrando-se a literatura muitas vezes na vanguarda de conceber novos espaços imaginativos (p. 22).

Em ambos os eixos, surgem riscos de descontextualização. Por exemplo, Acquisto exclui Friedrich Nietzsche, remetendo para o estudo de Joshua Foa Dienstag (2006), e Eduard von Hartmann, remetendo para o estudo de Frederick C. Beiser (2016, pp. 122–161). Justifica-se com uma escolha de autores que procuram afirmar o valor do pessimismo a partir de dentro, em vez de, como Nietzsche, transcendendo-o de uma forma dionisíaca ou, como Hartmann, defendendo uma demissão coletiva da vontade de viver (p. 12). Com isto, Acquisto afunila, por um lado, as abordagens filosóficas na segunda metade do século XIX para o debate de Schopenhauer, tratado no capítulo 3 do livro, e, por outro, também a receção produtiva de filosofia na literatura (capítulos 4 e 5), limitando-a ao âmbito do referido debate.

Tal como Oliveira Martins no seu ensaio “O Pessimismo” (Martins, 1924, p. 73), a narrativa cultural da impossibilidade da felicidade humana nos autores tratados neste estudo parte de Rousseau. O diálogo com Schopenhauer e, em menor medida, com Hartmann¹ marca a maior parte da produção escrita sobre o pessimismo na França de finais do século XIX (p. 79). Schopenhauer era conhecido por fragmentos do seu pensamento, como os *Pensées, maximes et fragments*, que surgiram em 1880, traduzidos por Jean Bourdeau, antes da primeira tradução completa de *Die Welt als Wille und Vorstellung* [O Mundo como Vontade e Representação], por Jean-Alexandre Cantacuzène, entre 1886 e 1890, quase trinta anos após a morte de Schopenhauer.² Partes do pensamento de Schopenhauer prestavam-se a interpretações abertas que nem sempre se alinham com o panorama geral da sua filosofia (p. 80). Estas interpretações, contudo, constituem uma importante fonte de debates em torno do pessimismo no final do século XIX, como demonstra Acquisto analisando as posições de Paul-Armand Challeyel-Lacour (1870) e Elme-Marie Caro (1878), entre outros. O título coletivo da série de artigos, “La Maladie du pessimisme au XIXe siècle” (1877-78; posteriormente reeditado em livro), apresenta de forma concisa o argumento de Caro, exposto nestes termos: o pessimismo é “une sorte de maladie intellectuelle, mais une maladie privilégiée, concentrée jusqu’à ce jour dans les sphères de la haute culture, dont elle paraît être une sorte de raffinement malsain et d’élégante corruption.” (Caro, 1878, pp. ii-iii). A sua definição apresenta o argumento de doença sem a ambiguidade que caracteriza a posição de Challeyel-Lacour apelando ao próprio juízo do leitor sobre o significado de saúde e doença. Contudo, tal como Challeyel-Lacour, Caro relaciona a filosofia e a literatura ao identificar o pessimismo como uma preocupação de ambas (p. 100).

Neste posicionamento de autores da época, Acquisto vê uma confirmação da sua própria abordagem. Destaca o artigo de Ferdinand Brunetière, publicado por ocasião da primeira tradução completa de *Die Welt als Wille und Vorstellung*, por prenunciar “the kind of perspectivism that I have claimed as the most fruitful way to consider Schopenhauer’s work, that is, as an approach to philosophy that puts lived human experience at the forefront” (p. 116). O já mencionado Georges Pelissier debruça-se sobre o pessimismo na literatura, num longo capítulo integrado no seu livro *Essais de littérature contemporaine* (1893), prefigurando assim o próprio projeto de Acquisto ao

1 Ao contrário de Nietzsche, o nome Hartmann reaparece ao longo do capítulo 3 (pp. 100, 106, 110, 113). É inevitável porque é citado nos textos analisados.

2 Em termos comparativos, é de salientar que *Philosophie des Unbewussten* (1869), de Eduard von Hartmann, foi traduzida em 1877 por D. Nolen: *Philosophie de l’inconscient*, 2 vols (Paris: Germer Baillière).

analisar obras literárias que participaram de forma mais ou menos explícita no Schopenhauerismo francês.

De maior interesse é o capítulo 4 dedicado à literatura narrativa. Para além de “Auprès d’un mort” (1883), um conto de Guy de Maupassant que ficcionaliza Schopenhauer no seu leito de morte, são os romances de Joris-Karl Huysmans, Henry Céard, Teodor de Wyzewa e Edouard Rod que, de acordo com Acquisto, aprofundaram a relação entre reflexão filosófica e ficção.³ Aprofundam-na não através de *romans à thèse* tentando demonstrar uma ideia preconcebida, mas antes incitando o pensamento através de uma *mise-en-situation* de personagens. Retratam o tipo de experiência vivida que serve de ensaio para ‘viver bem’ perante uma resignação desejável, mas impossível – o que nos lembra imediatamente o capítulo final de *Os Maias*, quando Carlos e Ega correm atrás do americano gritando “Ainda o apanhamos!”, tendo afirmado momentos antes a sua ‘filosofia de vida’ de não existir nada que vale um esforço.

Excetuando *À rebours* (1884), Eça não terá lido nenhum dos romances dos outros três autores, menos conhecidos e em parte também influenciados pela referida obra de Huysmans. É, em última análise, a impossibilidade do tipo de resignação defendida por Schopenhauer que impulsiona o enredo destes romances, também no caso de *A Cidade e as Serras*. Ilustram não a paz potencial que advém da renúncia, mas antes a perpétua inquietude conceptual que o pessimismo provoca como uma força intelectual criativamente destrutiva (p. 159). As análises convidam à comparação com textos de Eça de Queirós – basta pensarmos também no conto “A Perfeição” (1897). Contudo, a abordagem focada na receção produtiva de Schopenhauer impõe limites interpretativos. Apesar de Acquisto discutir o conceito do pessimismo como doença (Challemel-Lacour, Caro, etc.), falta o contexto do debate de *décadence* e diletantismo, ausente neste estudo. Tudo isto conflui na ‘doença’ de Jacinto super-civilizado. A sua ‘terapia’ é resultado de uma receção crítica, não só do Schopenhauerismo francês mas também do pensamento de autores como Paul Bourget que em *Essais de psychologie contemporaine* (1883) interpreta Charles Baudelaire, Hippolyte Taine e Ernest Renan, alertando para a *maladie de la volonté* perante a pluralidade das verdades que deve ser superado através de um novo heroísmo de afirmação.

O capítulo 5 intitulado “Pessimism and the Poetic Imagination” é de menos interesse, uma vez que o potencial para uma leitura comparativa

³ No fim deste capítulo, acrescenta-se ainda uma análise do conto *L'Eternel Adam* (1910), de Jules Verne, “a work that extends his science fiction by imagining a future human race that discovers the existence of our current one” (p. 208), que, no seio do livro, aparece como uma espécie de apêndice desconexo.

da poesia portuguesa não se vislumbra de imediato. Para começar, não se entende bem a sequência das análises de textos líricos. As *Poèmes barbares* (1862) de Leconte de Lisle são tratadas depois das *Poésies philosophiques* (1874), de Louise Ackermann, e de *Le Livre du néant* (1872), que compila fragmentos aforísticos de Henri Cazalis. As *Poèmes barbares*, inspiradoras para o jovem Eça, enchem mais de dez páginas, amplamente citadas (e traduzidas) e escassamente comentadas. São introduzidas através da sua interpretação ‘pessimista’ por parte do já mencionado crítico Georges Pellissier (1893), contudo sem referi-la mais, e comparadas com as poesias de Jules Laforgue. Uma vez mais, surge o risco de descontextualização e de afunilamento, porque Leconte de Lisle é interpretado como pessimista no âmbito do posterior Schopenhauerismo francês. Este, por sua vez, faz parte de um “reworking of philosophy” (Guy, 2013, p. 59) de Laforgue, na qual entra, para além de Schopenhauer, não só Hartmann, mas também Bourget. Neste sentido, teria sido importante olhar para os contos reunidos sob o título *Moralités légendaires*, publicados postumamente em 1887 (vd. Guy, 2013), em vez de remeter laconicamente (p. 291, nota 16) para o estudo de Sam Bootle (2018). Aliás, Henry Céard, romancista e poeta, é o único cujos textos entram no *corpus* de ambos os capítulos (4 e 5).⁴

De acordo com Acquisto, a poesia de Laforgue ilustra uma espécie de simultaneidade em vez de linearidade, que permite um estado pessimista afetivo em cisão que mistura lágrimas e risos, proximidade com o mundo e distanciamento irónico dele. Não se trata simplesmente de substituir o desespero pelo riso, mas sim de forjar um espaço imaginativo onde ambos possam coexistir (p. 268). Acquisto abstém-se de explorar esta configuração, seja em termos teóricos seja na evolução literária, o que contrasta com os capítulos 3 e 4 que avançam até à primeira década do século XX. Por tudo que ficou dito, o capítulo 5 não convida para uma leitura comparativa da lírica de Antero de Quental – aliás, também na crítica portuguesa é habitual que se menorize o papel de Hartmann contrariamente ao impacto que teve, até ficar eclipsado por Sigmund Freud que o desvalorizou.

Regressamos, para terminar, ao fim do capítulo 3, onde se argumenta para uma evolução do pessimismo alinhada com o pragmatismo, exemplificado através de *The Philosophy of ‘As If’* (1911), de Hans Vaihinger, e *Le Bovarysme* (1902)⁵, de Jules de Gaultier (p. 135). Acquisto centra-se a seguir em William James que, no final do século XIX, estava entre aqueles que pro-

4 É de salientar que as referências cruzadas entre os capítulos parecem estar incorretas em diversos momentos.

5 O legado de *Essais de psychologie contemporaine* sobre o *Bovarysme* é considerável (vd. Buvik, 2007, pp. 203-212).

moveram a noção de que o otimismo e o pessimismo não são conclusões alcançadas pelo raciocínio, mas sim disposições que afetam o nosso raciocínio (*ibidem*). O seu discurso “Is Life Worth Living?” originalmente proferido em 1895 ganhou popularidade nos Estados Unidos, tal como os atuais livros de auto-ajuda, quando transformado num opúsculo (James, 1896).⁶

Curiosamente, *Is Life Worth Living?* também é um título que aparece no ensaio “O Pessimismo” de Oliveira Martins. Contudo, o seu autor é outro: William Hurrell Mallock (Martins, 1923, pp. 81–82).⁷ O estudo de Acquisto omite o facto de William James responder com o seu discurso ao volume de mais que 300 páginas publicado sob a mesma pergunta, logo no *incipit*:

When Mr. Mallock's book with this title appeared some fifteen years ago, the jocose answer that “it depends on the *liver*” had great currency in the newspapers. The answer which I propose to give to-night cannot be jocose. (James, 1896, p. 5)

James ridiculariza o livro de Mallock, dedicado a John Ruskin, por ter tido êxito mediático, também nos Estados Unidos (Mallock, 1880). Oliveira Martins fala do “êxito colossal que em Inglaterra obteve há poucos anos um livro de resto banal, só pelo facto de se intitular *Is life worth living?*”, concluindo que este êxito “pesa mais como sintoma do que um carregamento de observações. Numa época equilibradamente forte bastaria o título da obra para dar o autor por doido” (Martins, 1923, pp. 81–82). A seguir, mete o livro *Mentiras convencionais da nossa civilização*, de Max Nordau⁸, no mesmo saco:

Em suma, os dois autores são optimistas, não do que está, mas do que há de vir. Das Mentiras sairão Verdades, e com elas a felicidade. Essas verdades são para o inglês os gozos práticos da vida, e para o alemão o predomínio completo do naturalismo científico, dissipando a hipocrisia a que hoje obriga o conflito das ideias modernas com as da metafísica ortodoxo. (*idem*, p. 82)

Na sua crítica do optimismo, Oliveira Martins aproxima-se de uma valorização positiva do pessimismo analisada e defendida por Acquisto em *Living Well with Pessimism in 19th Century France*. Perante a sua análise diferenciada da receção de Schopenhauer na França, não se deve falar mais da influência de Schopenhauer em textos da filosofia e literatura portuguesa, mesmo no caso de Antero de Quental que procurou um acesso direto à obra

6 Posteriormente, ficou integrado em *The Will to Believe and Other Essays in Popular Philosophy* (1897, pp. 32–61).

7 No ensaio de Oliveira Martins na grafia errada de “Mullock” (Martins, 1923, p. 82).

8 Primeira tradução portuguesa (trad. Manuel Coelho da Rocha) em 1887. A edição alemã, *Die conventionellen Lügen der Kulturmenschheit*, foi publicada em 1883. No estudo de Acquisto o nome de Max Nordau também está ausente.

do filósofo alemão. Em vez disso, tratar-se-á de situar estes textos num polisistema sob influência do Schopenhauerismo francês. No entanto, a simultaneidade com o debate do diletantismo, no qual Paul Bourget contribui decisivamente, não deve ser negligenciada. Com esta apreciação global da utilidade do estudo de Joseph Acquisto, voltamos uma última vez ao ensaio “Pessimismo” de Oliveira Martins que termina assim:

Vivemos pouco, para fusamos demais. Nada pedimos ao instinto, e tudo à razão. Levamos a vida a estudar-nos, para sabermos como devemos de ser; e por isso mesmo não fazemos senão ruminar e revolver-nos, pisando e repisando, como bois à nora, um chão calçado e sáfaro. Perderíamos toda a energia para as acções fecundas? (Martins, 1924, p. 88)

Se esta conclusão responde ao ensaio “A Europa”, como propomos no início, então “A decadência do riso”, publicado em 8 de fevereiro de 1892, continua o diálogo entre o historiador e o escritor. Eça de Queirós supera o pessimismo com a reivindicação do riso perante a imperfeição do mundo. Esta superação será a questão central do romance *A Cidade e as Serras* que se aproxima, por um lado, da corrente do pragmatismo sem descambar no optimismo, e, por outro, da filosofia de Friedrich Nietzsche, sem com isto afirmarmos uma receção produtiva do Nietzscheanismo francês.

Referências

- Beiser, Frederick C. (2016). *Weltschmerz: Pessimism in German Philosophy, 1860–1900*. Oxford UP.
- Bootle, Sam (2018). *Laforgue, Philosophy, and Ideas of Otherness*. Legenda.
- Buvik, Per (2006). Le Principe bovaryque. In Jules de Gaultier, *Le Bovarysme* (pp. 169–325). Paris-Sorbonne.
- Caro, Elme-Marie (1878). *Le Pessimisme au XIXe siècle*. Hachette.
- Challemel-Lacour, Paul-Armand (1870). Un bouddhiste contemporain en Allemagne: Arthur Schopenhauer. *Revue des Deux Mondes*, 86, 296–332.
- Dienstag, Joshua Foa (2006). *Pessimism: Philosophy, Ethic, Spirit*. Princeton UP.
- Guy, Madeleine (2013). Jules Laforgue, Hartmann and Schopenhauer: From Influence to Rewriting. In Thomas Baldwin, James Fowler, & Ana Medeiros (eds.). *Questions of Influence in Modern French Literature* (pp. 58–70). Palgrave Macmillan.
- James, William (1896). *Is Life Worth Living?* Philadelphia: S. B. Weston.
- Mallock, William Hurrell (1880). *Is Life Worth Living?* New York: John Wurtele Lovell. [London: Chatto and Windus, 1879]

Martins, J.P. de Oliveira (1924), O Pessimismo. In *id.*, *Dispersos*, Tomo II [coleção de textos publicados em *A província* e em *O Repórter*] (pp. 73–88), (org.) António Sérgio. Lisboa: Biblioteca Nacional.

Queirós, J.M. Eça de (1983). *Correspondência*. (ed.) Guilherme de Castilho, Lisboa: IN-CM, 2 vols.